

CONFERENCIA**A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA
NO MÉXICO (1).**

Em 1910, o professor Justo Sierra ao inaugurar a Universidade Nacional, dizia o seguinte: "Há muito tempo existia, implorante, ao redor dos templos de nosso ensino oficial, uma figura que procurava um lugar: era a Filosofia. Esta havia sido desterrada da Universidade por ser contrária ao espírito chamado *positivo*. Para o positivismo que se dizia ligado à ciência, a Filosofia não tinha lugar dentro do conjunto de matérias que se consideravam obrigatórias e necessárias à Educação Superior. Foi nesse ano de 1910, ao inaugurar-se a Nova Universidade, — a Universidade Nacional, — que se fundou também a Escola de Altos Estudos, nossa atual Faculdade de Filosofia e Letras. A implorante Filosofia, depois de haver rondado os cursos inútilmente, por vários anos, entrava afinal na Universidade.

Sua entrada representava a derrota do positivismo como doutrina oficial, coincidindo também com a derrota do mundo social e político ao qual havia sustentado: o porfirismo. Uma vez dentro da Universidade, a Filosofia foi tomando as diversas formas que a caracterizaram até nossos dias, formas que a aproximaram cada vez mais do ideal assinalado por Justo Sierra: "A Universidade Mexicana".

A Escola de Altos Estudos já tinha, ao ser criada, uma missão dentro desta Universidade. Justo Sierra a imaginou nos seguintes termos: "Nossa ambição seria — dizia êle — que nesta Escola, que é o degrau mais alto do edifício universitário, fôsse revelado ao saber, os horizontes mais distantes, mais abertos, como êsses que só podem ser contemplados dos mais altos cimos do planeta; nossa ambição seria que nesta Escola se ensinasse a *investigar* e a *pensar, investigando* e *pensando*. A substância da investigação e do pensamento não se cristaliza em idéias dentro das almas, mas sim constituem dinamismos perenemente traduzíveis em *ensinamentos* e em *ação*, pois só assim as idéias poderiam ser chamadas de forças; não queremos ver nelas tôrres de marfim nem vida

(1). — Conferência pronunciada em agosto de 1954, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Nota da Redação).

contemplativa; nem êxtase em busca da medida plástica; isso pode existir, e talvez seja bom que exista em outra parte; mas ali não, não ali”.

De acôrdo com êste ideal, ideal próprio de uma realidade como a nossa, a Filosofia adotará, dentro de uma linha perceptível e própria, as formas que agora nos permitem falar de uma Filosofia Mexicana. Uma filosofia que começou tomando de empréstimo seus conceitos e filosofemas; mas, para observá-los à luz de uma realidade ineludível, para adaptá-los à esta realidade. Forçoso foi afastar êsse êxtase, essa contemplação pura ou “tôrre de marfim” que repugnavam ao mestre mexicano. Suas disputas, quando surgem, — não são no sentido de uma boa ou má interpretação de um conceito, mas sim pela capacidade de uma ou outra idéia que melhor oriente nossa realidade. Em função desta realidade, o positivismo entrará em crise e será depois derrotado. Em função da mesma será discutida a vantagem ou desvantagem do marxismo, do neokantismo, do existencialismo. Discussões que às vêzes, antes os debates de espectadores estrangeiros, tomarão tons acres, violência crítica e que quase levam a atitudes pessoais. Nestas discussões sente-se que há mais que o interêsse erudito, algo mais que o prestígio do orador ou a capacidade dialética dos polemistas. O próprio sentido da discussão se vai orientando para além do sentido puramente acadêmico. O debate dirige-se para campos mais largos ao alcance do neófito, do não informado, do chamado simplesmente “homem da rua”. Êste, longe de surpreender-se, segue estas polêmicas com atenção e paixão, com essa atenção e paixão que só produzem as discussões de problemas que êle sabe ou sente que lhe estão próximos. Em tôdas essas discussões filosóficas sempre surge a palavra que é capaz de anular o contendor, a palavra: *Política*.

Com efeito, assim foi e assim tem sido; discussão sôbre temas de interêsse público, ou político, se entendermos por política algo mais que o simples afã de conveniências burocráticas. Foi política a polêmica do Prof. Antônio Caso com Vicente Lombardo Toledano sôbre o marxismo. Foram também políticas as polêmicas do grupo *Hiperion* com os neokantianos, escolásticos e marxistas, discussões políticas porque cada um dos grupos pretendê algo mais que defender uma doutrina ou uma filosofia pura. Pretende, isso sim, que sua doutrina, sua filosofia, possa ser válida para resolver os problemas da realidade mexicana. Errado ou certo, o espírito da discussão é êsse. Nossa filosofia faz a sua prova na pedra de toque que é a realidade mexicana. O bizantinismo, o academismo puro, a “tôrre de marfim”, são estranhos à nossa filosofia. O que se debate é a capacidade de *ensinamento* e da *ação* de cada uma das

doutrinas postas em discussão; do *ensinamento* e da *ação* em face de nossa realidade.

A filosofia na nossa Universidade, adquiriu dêste modo, os característicos com os quais seu fundador sonhava. A *preocupação da realidade mexicana*, em seus múltiplos aspectos, é um de seus principais eixos, preocupação que, de forma nenhuma implica em despreocupação pelas coisas universais. Ao contrário, nossa filosofia caracteriza-se também por sua capacidade de permanecer alerta em face das novas preocupações filosóficas. Nenhuma nova preocupação lhe é estranha. Desterrado o positivismo, nossos cursos versam sôbre o bergsonismo, o neokantismo, a fenomenologia, a filosofia dos valores, o marxismo, o historicismo e o existencialismo. Velhas doutrinas como a escolástica serão remoçadas também em nossos cursos. Os grandes filósofos de nosso tempo: Bergson, Cohen, Husserl, Ortega, Max Scheler, Dilthey, Heidegger, Sartre, assim como outros, serão analisados e discutidos por professôres e alunos. Mas nestas doutrinas e nas idéias dêstes filósofos se buscarão também o conjunto de idéias e doutrinas que permitam estruturar o que agora se vem chamando uma filosofia mexicana, uma filosofia para nossa realidade.

Partindo da universalidade destas filosofias vamos lhes pedir os instrumentos que nos permitam captar melhor a nossa própria realidade, a fim de melhor conhecê-la e transformá-la. Não ficamos na universalidade. E, assim é que voltaremos à universalidade obtendo vantagens que nos oferecem a nossa própria contribuição.

Afinal, tôda filosofia, por universal que seja, é composta de contribuições concretas, tão concretas que se pode falar não só de uma filosofia em geral, como também de uma filosofia francesa, inglesa ou alemã, ou de filósofos não menos concretos como os que já citamos.

Êste espírito alerta, atento às últimas preocupações filosóficas, porém não descuidados da própria realidade, encarnou-se neste mestre dos mestres, que foi Antônio Caso. Não houve ainda espírito mais alerta para o universal nem mais preocupado com o concreto, do que Antônio Caso. “Nós, mexicanos não devemos esquecer, dizia êle, — que a pátria é o que antecede a tudo, assim como a raça vem antes da humanidade. Isto é, a melhor maneira de servir a raça é ser bom patriota; o melhor modo de servir a humanidade é trabalhar pela raça”. Universalidade sim, mas sem que nos descuidemos da própria realidade. Era êste o seu ideal, que êle expressava com as seguintes palavras: “Nem Sancho, nem D. Quixote. Nem grilheta que impeça andar, nem explosivo que desbaratem; ao contrário, ânimo firme e constante de alcançar algo melhor, sabendo apesar disso, que a verdadeira vitória só se alcança quando se põe chumbo nas asas”. Êste chumbo deveria ser a constante preocupa-

ção pelo que nos está mais próximo, isto é, a realidade mexicana. “Não podemos continuar assimilando os atributos de outras vidas alheias, dizia êle. Nossa miséria contemporânea, nossas inveteradas revoluções, nossa trágica amargura, são os frutos amargos da imitação irrefletida”. Não se trata de renunciar à Universalidade, mas devemos fazê-la nossa, assimilá-la. “Imitar — diz o Prof. Caso — se não se pode fazer outra coisa; mas imitando, inventar também, e *adatar*, isto é, erigir a realidade social mexicana em elemento primordial”. “Idealistas que vos empenhais na salvação da República, volvei os olhos para o solo do México, para nossos costumes e nossas tradições, para nossas esperanças e nossos anelos, para o que na verdade nós somos!”

O homem que assim pensava e falava, era o mesmo que em suas aulas, difundia as últimas correntes filosóficas que no mundo se achavam em debate. Enquanto viveu, nenhuma doutrina filosófica lhe foi estranha. O bergsonismo, a fenomenologia, o neokantismo, o historicismo, a filosofia dos valores e o existencialismo foram por êle expostos com a maestria que lhe era própria, sem se haver submetido porém a nenhuma dessas doutrinas. A crítica surgia sempre, uma crítica criadora que ia discriminando o conjunto de idéias e doutrinas que poderiam chegar a ser úteis para enfrentarmos a nossa própria realidade. Com sua crítica o Prof. Caso realizava a tarefa assimiladora tão necessária para um povo como o nosso, sempre em luta com sua realidade, sem tempo suficiente para criar suas idéias próprias e originais.

Das aulas dêste mestre mexicano saíram os professôres que agora dão brilho à nossa Universidade no campo da Filosofia. Estes professôres levaram de sua cátedra, a filosofia ou doutrina que mais se ajustava a suas preocupações pessoais, para adaptá-la ao conjunto da realidade que mais próximo e perceptível fôsse. Das cátedras do Prof. Caso saíram, entre outros, Francisco Larroyo, que fêz do neokantismo um instrumento eficiente à serviço de sua preocupação pela educação no México; Eduardo García Máynez que, partindo da filosofia dos valores de Scheler e Hartmann, orientou suas preocupações para o campo da filosofia do direito, onde tem realizado trabalhos originais; Oswaldo Robles que partindo do neoescolasticismo construiu uma doutrina mais pessoal ao orientar suas preocupações no sentido de uma psicologia que intenta transformar êste aspecto de nossa realidade; além dêstes, outros como José Romano Muñóz, Adolfo Menendez Samará, Guilherme Hector Rodriguez, Juan Manuel Terán, que juntaram suas preocupações para resolver os problemas que a realidade mexicana apresentava em diversos setores.

Dos discípulos de Antônio Caso, o que iria encarar mais concretamente a realidade mexicana, seria Samuel Ramos. Êste pro-

fessor apoiando-se em um princípio do historicismo representado por José Ortega y Gasset e sua escola, realizou um dos primeiros trabalhos filosóficos em que o principal assunto é o homem do México e sua cultura. Este famoso trabalho é o livro intitulado *El Perfil del Hombre y la Cultura en México*. Neste livro se delinea o problema do lugar que ocupa o homem que surgiu dessa circunstância chamada México, no seio da cultura universal. O homem parece perder toda sua essência, quando ignora qual seu lugar dentro da humanidade, — ignorância que provocou esse sentimento de inferioridade que parece caracterizar os mexicanos. “Um punhado de homens dispersos em um imenso território e além disso divididos, por uma intrincada geografia, diz êle — tinha que sentir sua inferioridade ante a natureza”. O destino histórico colocou esses homens em face de mundos que não lhes pertencem plenamente. Já não são europeus, porque vivem na América, e não são americanos porque o atavismo conserva seu sentido europeu de vida”. Nosso problema é pois fugir a estes extremos que nos anulam como homens. “Nossa vida espiritual, diz ainda Samuel Ramos, consiste em nos afastar igualmente da cultura universal sem raízes no México, assim como de um mexicanismo pinturesco e sem universalidade”. Devemos “depurar nossa vida própria sem temor de aproximá-la do plano das formas universais”.

Esta preocupação filosófica que se debate em nossa Universidade e que transcende aos seus cursos, encontrará seu melhor reforço na imigração espanhola provocada pela guerra civil espanhola em 1936. Em 1938 chega ao México um destacado grupo de professores espanhóis *desterrados* pelo triunfo do totalitarismo nazi-fascista na Espanha. Entre esses professores se encontravam José Gaos, Joaquín Xirau, Juan David García Bacca e Luís Recaséns, e mais dois de seus discípulos, hoje convertidos em professores, Juan Roura Parella e Eduardo Nicol. Este grupo de professores recebidos pela Universidade no mesmo plano que os próprios professores mexicanos, oferecia a nossos estudiosos de filosofia o conhecimento das últimas correntes filosóficas, bebidas muitas vezes, nas suas próprias fontes de origem. Husserl, Dilthey, Heidegger, Hartmann e Spranger, são assim estudados em seus próprios textos. Dêsse modo se reforma o ensino filosófico. Iniciam-se cursos de seminários onde se analisam, trecho por trecho, os textos filosóficos antigos e modernos.

Dentre esses professores, se destacará muito especialmente um deles: José Gaos. E' o primeiro a admirar e louvar o trabalho iniciado por Samuel Ramos, cuja preocupação equipara à de José Ortega y Gasset em relação à Espanha. Mas não se conforma apenas em admirar e louvar; participa desta preocupação pela realidade mexicana e a estimula. Em sua cátedra e nos seus seminários,

não só se aprende o manêjo e a interpretação de um texto clássico ou moderno, mas também se aprende a captar o espírito de uma época, o sentido da vida de uma sociedade ou uma cultura, e o modo de ser de determinado homem. Gaos mostra também, como êste mesmo espírito, que o sentido da vida, o modo de ser de determinado homem, podem ser igualmente captados na realidade que os circunda, e no caso, na realidade mexicana. Mostra como esta realidade pode ser apreendida, como se podem captar suas idéias originais, o sentido de sua história, e o ser concreto nos indivíduos. E mostra ainda como esta realidade não tem razões para se considerar inferior a qualquer outra realidade. Como êste trabalho tem, ou pode ter tanto valor, como o que se realiza no âmbito da cultura européia. Gaos ensina a seus discípulos a que se preocupem com sua própria realidade e oferece-lhes os meios filosóficos para enfrentá-la. Mas não só oferece os meios, como êle mesmo participa desta tarefa de autoconhecimento que se vai realizando no México. De seus seminários vão saindo diversos trabalhos sobre a história de nossas idéias, assim também como os investigadores que agora continuam êste trabalho e como os pensadores que se preocupam, sob o ponto de vista filosófico, por encontrar sentido na História e no homem que a originou.

Fruto destas preocupações e dêstes seminários são os meus trabalhos sobre *El Positivismo en México*, o trabalho de Victória Junco sobre *Gamarra y el Eclectismo en México*, o de Monalisa Lina Pérez-Marchand intitulado *Dos etapas ideológicas del siglo XVIII; La Introducción de la filosofía moderna en España*, de Olga Quiróz Martínez; *La Introducción de la filosofía moderna en México*, de Bernabé Navarro; *Los grandes momentos del indigenismo en México*, de Luis Villoro e *La génesis de la conciencia liberal en México*, de Francisco Lódez Cámara. A êstes trabalhos ajuntam-se outros que receberam estímulo nos cursos de seminário, ou diretamente do Prof. Gaos, como o livro de Antônio Gómez Robledo, *La Filosofía en el Brasil*; além dêsse outro: *Fundamentos de la Historia de América e Crisis y porvenir de la ciencia histórica* de Edmundo O'Gorman (UNA). Fruto desta mesma preocupação é também a História das Idéias no México, iniciada por ocasião da Comemoração do IV Centenário da fundação de nossa Universidade, e que deu ensejo a que aparecessem trabalhos como o de Edmundo O'Gorman: *La Idea del Descubrimiento de América*; o de José María Gallegos Rocafull: *El pensamiento mexicano en los siglos XVI y XVII*. A êstes trabalhos seguiram-se outros sobre os séculos XVIII, XIX e XX. Dentro desta mesma linha, publicou-se um livro do Dr. Samuel Ramos intitulado *Historía de la Filosofía en México*.

Partindo desta história das idéias, da filosofia e do pensamento no México, se inicia em nossa Universidade outro movimento filosófico já agora concretamente preocupado com a nossa realidade e pelo homem que é uma parte dessa circunstância chamada México. A preocupação tem seu início com a pergunta: Que é o mexicano? e continua com uma série de conferências sôbre o mexicano e sua cultura e o mexicano e suas possibilidades. Esta preocupação torna-se patente no conhecido grupo filosófico *Hiperión*, formado por Emílio Uranga, Luis Villoro, Jorge Portilla, Ricardo Guerra, Joaquín Macgregor, Salvador Reyes Nevares e Fausto Vega. Mas não são êsses os únicos. Como resultado dessas conferências apareceram publicações em periódicos e revistas, realizaram-se mesas-redondas e discussões públicas; muitas pessoas se lançam ao estudo do ser do homem do México, à análise de sua circunstância histórica, social, psicológica, econômica e política, tendo como resultado essa conhecida série de publicações intitulada: *México y lo Mexicano*. Dentro dessa mesma preocupação se destacaram outros trabalhos como de Octávio Paz intitulado *El laberinto de la soledad*, os do psicólogo Jorge Carrión, os de Agustín Yañez e outros.

Êste movimento resume o conjunto de preocupações que, partindo do ideal filosófico de Justo Sierra se inicia com a geração do *Ateneo de la Juventud*, concretizado por Antônio Caso, Alfonso Reyes e José Vasconcelos. Êste movimento transcende os cursos universitários e sua preocupação propaga-se a uma multidão de pessoas alheias e distantes dêsses cursos. No ser mexicano se pretende encontrar não um homem singular, mas simplesmente um homem. Mas o homem concreto e não abstrato. Partindo do modo de ser dêste homem concreto situado no México, o que se quer é encontrar seu modo de ser universal, sua relação com os homens de outros povos. Dentro de sua própria situação, o que se pretende é compreender a situação de outros homens e de outras situações semelhantes ou diferentes da nossa, para fazer do mexicano um autêntico contemporâneo de todos os homens. O poeta Octávio Paz escreveu: A história universal é tarefa comum, e nosso labirinto o de todos os homens". "Pela primeira vez na nossa história, somos contemporâneos de todos os homens".

Indaga-se de nosso modo próprio de ser para conhecer nossa situação dentro do universo do humano; conhecendo nossa situação conheceremos também nosso papel e daí nossa responsabilidade como indivíduos e como povo dentro dessa grande circunstância chamada Humanidade. Partimos do nosso ser concreto, mas não renunciamos à universalidade; o que desejamos é chegar a ela pelo mais autêntico dos caminhos.

Assim, o que caracteriza a preocupação filosófica de nossos dias, na Universidade, — é o interesse pelos aspectos mais concretos de

nossa existência nacional e internacional. Ao lado dessa preocupação pelo homem do México, surge também a preocupação já iniciada por Vasconcelos e Caso pela América, principalmente pela América Latina, em virtude de serem os mexicanos, latino-americanos. Essa preocupação faz do México a séde de estudos neste campo; pois em quase tôda a América Latina, como no México, iniciou-se o estudo do pensamento, da filosofia e das idéias, sob o ponto de vista de países concretos, levando todavia em conta, em sua totalidade ou em parte, a história dessa América. A preocupação que se inicia no México pelo estudo do ser mexicano torna-se patente agora, em outros países como o Perú, Venezuela, Guatemala e Cuba que indagam a mesma coisa sôbre o ser do peruano, do venezuelano, do guatemalteco, do cubano, passando, do mesmo modo que o México, à uma indagação sôbre qual possa ser o papel de cada um desses países, sua responsabilidade no conjunto americano e universal dos povos que formam a chamada Humanidade.

Ao lado dessa preocupação concreta de nossa filosofia pela realidade mexicana e americana, aparece outra preocupação não menos concreta pelos problemas de nossa época em geral, pelos problemas que nos tocam, já não mais como simples mexicanos e americanos, mas como homens em uma situação de crise como a que atravessa o homem atual.

Tal é o caso do nosso jovem filósofo Manuel Cabrera Macia que fêz desta situação de crise, patente na filosofia contemporânea, o centro de suas preocupações filosóficas; seus estudos a respeito, são apresentados em um substancioso trabalho intitulado: *Bases para una fundamentación de la sociología*.

Em resumo, podemos dizer que os estudos filosóficos na nossa Universidade foram dar no Humanismo, isto é, no Homem, no homem concreto, seja êle mexicano, americano, ou simplesmente um homem dêste ou daquele continente. Êste homem concreto que vive e morre em uma determinada circunstância, é o homem que interessa à nossa filosofia.

O ideal de Justo Sierra ao fundar a Escola de Altos Estudos, realizou-se: "Nossa ambição seria que nessa Escola se ensinasse a *investigar* e a *pensar* (recordemos novamente suas palavras), *investigando* e *pensando*, e que a substância da investigação e do pensamento não se cristalize em idéias dentro das almas, mas que elas constituam dinamismos perenemente traduzíveis em *ensinamentos* e em *ação*, pois só assim as idéias poderão chamar-se forças. Não desejamos ver nelas tôrres de marfim, nem vida contemplativa, nem êxtase em busca da medida plástica; isso pode existir, e talvez seja bom que exista em outra parte; mas ali não, não ali".

LEOPOLDO ZEA

(da Universidade Nacional do México).